



# MOTIVAÇÃO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE SIGNIFICADO, ESTRATÉGIAS E METAS MOTIVACIONAIS

MOTIVATION AND THE TEACHING-LEARNING PROCESS: PERCEPTION OF TEACHERS OF FUNDAMENTAL EDUCATION ON MEANING, STRATEGIES AND MOTIVATIONAL GOALS

Antonio Matheus do Rosário Corrêa\*

Larissa Fernanda Alves Conde\*\*

Maria Clara de Nazaré Reis Gonçalves\*\*\*

Neide Maria Fernandes Rodrigues de Sousa\*\*\*\*

## RESUMO

A forma como a pedagogia se inova e se volta para as questões que emergem na escola e da sociedade são relevantes para o processo de ensino e aprendizagem. Considerando as contribuições e reflexões acerca da motivação escolar, metas e estratégias de aprendizagem e as experiências dos profissionais docentes da educação básica, propomos analisar o papel da motivação na aprendizagem escolar nos discursos de professores e as maneiras que são estabelecidas estratégias e metas de aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Motivação. Metas. Estratégias. Ensino e aprendizagem

## ABSTRACT

How the pedagogy is updates and turns to issues that arise in the school and society which are relevant for teaching and learning process. Considering the contributions and reflections about motivation, goals, learning strategies and teachers experiences of basic education. We analyze the role of motivation in school learning in teacher discourses, and the ways in which learning strategies and goals are established..

**KEYWORDS:** Motivation. Goals. Strategies. Teaching and Learning.

---

\* Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Bolsista de Apoio à Atividade Acadêmica do Núcleo de Assistência Estudantil do Campus Universitário de Bragança da UFPA. [matheus.correa112@gmail.com](mailto:matheus.correa112@gmail.com)

\*\* Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). [larissafernanda.lf15@gmail.com](mailto:larissafernanda.lf15@gmail.com)

\*\*\* Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. [m.63clara@gmail.com](mailto:m.63clara@gmail.com)

\*\*\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Professora Adjunta A da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, Faculdade de Educação. [nmfrs@ufpa.br](mailto:nmfrs@ufpa.br)

## Introdução

A motivação escolar compreende uma força interna do indivíduo que conscreve determinada ação, em prol de alcançar objetivos, metas e trajetórias de forma positiva e apresenta dimensões específicas. Nessa perspectiva, se torna um desafio na realidade educacional no sentido de qualidade da aprendizagem de estudantes. E, segundo Lourenço e Paiva (2010), é uma ação precípua do processo de aprendizagem por meio da busca de razões para aprender, descobrir e rentabilizar os seus conhecimentos, e, assim, a motivação escolar é conceituada como:

A motivação está ligada a interação dinâmica entre as características pessoais e os contextos em que as tarefas se desenvolvem. Quanto aos contextos destaca-se quatro aspectos essenciais: o começo da aula, a organização das aulas, a interação dos professores com seus alunos e a avaliação da aprendizagem. (TÁPIA; FITA, 2015, p. 15).

No contexto escolar a motivação se apresenta em diferentes espaços de socialização, a exemplo das salas de aulas e espaços de recreação, aos quais ocorrem as interações formativas. Nesse sentido, Lourenço e Paiva (2010) afirmam que a motivação dos alunos na escola tem consequências diretas no envolvimento e qualidade do ensino-aprendizagem, um estímulo significativo para ser produzido nas práticas pedagógicas. Tais considerações perpassam por diferentes estratégias motivacionais, a fim de alcançar ensino de qualidade, aprendizagem significativa dos alunos e práticas docentes profícuas para a escola.

Assim, os objetos de conhecimento das trajetórias de ensino, características socioculturais dos sujeitos e os contextos escolares em que as práticas pedagógicas são desenvolvidas influenciam a prática docente, aos quais refletem de forma positiva ou negativa na construção motivacional do aluno. Desse modo, a importância do professor enquanto mediador dos processos motivacionais é fundamental para desenvolvimento da aprendizagem, conforme Allal (1988, *apud* ESTRELA; NÓVOA, 1999, p. 179) expõe ser:

Sempre útil, se pudermos aspirar a uma pedagogia eficaz, saber para que domínios pretendemos conduzir os alunos, por que caminhos; precisar quais os meios que se utilizam para observar os domínios atingidos ou em vias de aquisição, os métodos de trabalho, as atitudes, os funcionamentos mentais e o modo como pretendemos intervir junto dos alunos, através de regulações “pró-activas”, interactivas ou retroactivas.

Nessa dinâmica o docente atua diretamente no interesse do aluno em aprender, tornando-se base motivacional para que esse construa compreensão e sentimento de inserção no contexto escolar e em sala de aula. As interações constituídas nessa trajetória devem buscar metas e estratégias que se aproximem dos interesses de ambos, de modo a desenvolver uma pedagogia inovadora e voltada as questões que emergem na escola e na sociedade.

De acordo com a Teoria da Atribuição da Casualidade (TAC), indicada por Boruchovitch (2009, *apud* LOURENÇO; PAIVA, 2010), a motivação ocorre tanto de forma intrínseca quanto de forma extrínseca, visto que o aluno pode realizar determinada atividade tanto pelo prazer ou por um sentimento motivador próprio em busca do conhecimento, como pela busca de aceitação ou de aprovação de terceiros.

Porém, como afirma Perrenoud (2004), não basta apenas motivar, provocar o interesse do aluno ou sensibilizá-lo, mas manter o entusiasmo inicial dos alunos principalmente quando enfrentam obstáculos na aprendizagem, por mecanismos que produzam superação de problemas e sejam aproveitados.

Dessa maneira, surgem indagações no tocante à representação conceitual e prática que docentes atuantes na educação básica elaboram sobre a motivação dos alunos, assim como estratégias, planejamento, aplicações e metas que esses estipulam para alcançar uma aprendizagem significativa. Assim, configurou-se a seguinte questão-problema de pesquisa: que estratégias o/a profissional docente estabelece para motivar seus alunos a respeito da aprendizagem e que metas de aprendizagem são delineadas no processo de planejamento e ensino em sala de aula?

A partir da problemática especificada, a pesquisa objetiva analisar o papel da motivação na aprendizagem escolar nos discursos de professores e as maneiras que são estabelecidas estratégias e metas de aprendizagem. No tocante à estruturação deste trabalho, inicialmente fizemos uma discussão teórica da temática, em seguida

apresentamos as configurações metodológicas do estudo, e por fim apresentamos os resultados e as respectivas discussões.

## Metodologia

Esta pesquisa se originou da disciplina Psicologia da Aprendizagem, ofertada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, do Campus Universitário de Bragança. Na ementa desse componente curricular, há o estudo acerca dos conceitos, princípios e relação teórica e prática da aprendizagem, entre estes, a temática motivação escolar (UFPA, FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2018). Na ocasião foi oportunizada realização de investigação sobre a aplicação da motivação da aprendizagem em instituições escolares da rede pública de ensino no município de Bragança, Estado do Pará, no primeiro semestre do ano de 2017.

Neste trabalho optamos por uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa descritiva-interpretativa. A abordagem tem como foco os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes dos fenômenos sociais (MINAYO, 1994). Nesse sentido, a pesquisa foi organizada em três momentos: 1) levantamento bibliográfico, no qual realizamos leituras e estudos acerca da temática; 2) levantamento de campo, em que efetuamos as entrevistas com docentes atuantes no ensino fundamental; 3) organização e análise dos dados a luz do referencial teórico encontrado.

Os sujeitos da pesquisa foram três docentes atuantes no Ensino Fundamental (tabela 1), ao qual se utilizou como critério de escolha: a) estar lecionando no Ensino Fundamental regular entre o 6º e 9º ano; b) possuir mais de cinco anos de experiência no magistério do Ensino Fundamental. Ressalta-se que os nomes dos entrevistados não foram citados para manter sigilo e integridade, substituindo-se por nomenclaturas fictícias.

**Tabela 1:** Perfil dos entrevistados.

Docente	Tempo de docência	Nível de Formação	Nível de ensino em que leciona
Maria	7 anos	Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.	Ensino Fundamental Regular (6º ao 9º ano)

Carlos	26 anos	Licenciatura em Geografia.	Ensino Fundamental Regular (6º ao 9º ano) e Ensino Médio Regular (1º, 2º e 3º anos)
Mário	15 anos	Licenciatura em Matemática; Especialista em Educação de Jovens e Adultos (EJA).	Ensino Fundamental Regular (6º ao 9º ano)

**Fonte:** autores (2017).

O *locus* de pesquisa foi uma escola da rede estadual do município de Bragança (Pará, Brasil), que ofertava no ano de 2017 o Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), o Ensino Médio Regular, a Educação de Jovens e Adultos - Nível Fundamental (3ª e 4ª etapas), a Educação de Jovens e Adultos - Nível Médio (1ª e 2ª etapas) e acompanhamento de alunos em situação de deficiência por meio do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O levantamento de campo foi desenvolvido por meio de entrevista semiestruturada, ao qual foram aplicadas as seguintes perguntas: I) O que é motivação escolar? II) Quais são as estratégias motivadoras utilizadas no planejamento e prática pedagógica? III) Você estabelece metas de aprendizagem com a turma? Foi realizada uma entrevista para cada sujeito com uma média de 30 minutos de duração, em apenas um dia da semana. As entrevistas foram registradas por meio de gravador de áudio

Para o tratamento dos dados utilizamos a Análise do Conteúdo de Bardin (2011) que se estruturou em três etapas: 1) Pré-análise – nessa etapa realizamos a organização e transcrição, sistematização das entrevistas e a leitura flutuante; 2) Exploração do material- nessa fase buscamos organizar e elencar as categorias temáticas de acordo com as perguntas e respostas; 3) Tratamento dos resultados – nessa fase fizemos a interpretação e inferência, em que refletimos sobre os conteúdos dos discursos dos sujeitos a luz do referencial teórico abordado.

## Resultados e discussões

Dos dados emergiram três categorias temáticas, que serviram para a análise: 1) O significado de motivação; 2) Estratégias motivacionais e suas implicações na aprendizagem; 3) Metas de aprendizagem estabelecidas pelos professores. Tais categorias temáticas evidenciam a compreensão acerca do significado de motivação,

além de indicar o uso de estratégias motivacionais e metas estabelecidas no processo de aprendizagem, visando o desenvolvimento qualificado do educando.

### *O significado de motivação*

Os relatos dos sujeitos apresentam uma compreensão de motivação relacionada à ideia de estímulo, de algo além das forças exteriores, algo que vêm da força interior de despertar o interesse por meio do cotidiano e da interdisciplinaridade, uma ação que pode atuar de forma eficiente, eficaz e efetiva em sala de aula. Assim como superação de problemas cotidianos ou mais complexos da vida do estudante, trabalhando com base na atenção, para as suas atitudes e pensamentos, de modo a aproveitar as atividades cotidianas em diálogo com a interdisciplinaridade proposta pela escola.

Destacamos as narrativas dos sujeitos que expressam o significado da motivação:

Dá um estímulo para o aluno, né?! Aprender alguma coisa têm vários sentidos, um atleta aí, incentivar a se esforçar, se dedicar. Mesmo diante dos problemas, a superar esses problemas pra poder continuar o seu trabalho, sua atividade. Uma motivação pra mim é praticamente isso (PROFESSOR CARLOS).

É algo que vem além das nossas forças, que nos trás uma ação, para que nos possamos atuar com mais eficácia dentro da sala de aula (PROFESSORA MARIA).

Acho que a motivação parte do chamar atenção do aluno, até mesmo das coisas que eles mesmos fazem. Aproveitar o que eles fazem do dia-a-dia, “pra” fazer uma interdisciplinaridade. serve também de pressuposto para os alunos alcançarem seus objetivos. (PROFESSOR MÁRIO).

Nas respostas dos sujeitos houve diversos sentidos sobre o entendimento da motivação, em destaque o sentido de uma força interior que leva a ação, de ultrapassar metas no contexto escolar. Nesse sentido, as metas motivacionais estão conscritas nos objetivos e de vida e percursos que os sujeitos buscam para satisfazerem suas necessidades e desejos subjetivos.

Knüppe (2006) afirma que as pessoas criam suas metas de vida de acordo com seus interesses, objetivos e propósitos pessoais, o que permite destacar a necessidade de transcender os limites colocados pelos problemas existentes no contexto escolar e proporcionar ao aluno novos horizontes de aprendizagem e oportunidades de ascensão.

Na mesma direção Bock, Furtado e Teixeira (2002) conceituam a motivação como um processo que impulsiona o organismo a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação.

### *Estratégias motivacionais*

Na categoria temática de estratégias motivacionais os relatos de professores indicam um conjunto de ações, a saber: planejar a partir do conhecimento dos alunos; planejamento de atividades com envolvimento de dinâmicas; tornar a sala de aula agradável e que propicie o desenvolvimento de autoestima tanto de professores quanto de alunos; conhecer o perfil social de cada pessoa (verificando a classe socioeconômica, sexo, dentre outros aspectos) para poder selecionar elementos que motivem o discente; a identificação de problemas que atrapalham a motivação e criação de um ambiente agradável e alegre, favorável à aprendizagem, por meio de brincadeiras.

A Professora Maria demonstra em seu discurso que a dinâmica seria uma estratégia relevante para desenvolvimento de práticas educativas motivacionais:

Fazendo o planejamento necessário com atividades que envolva dinâmica, [...] voltados para a atualidade, para que eu me sinta motivada em exercer a minha profissão em sala de aula (PROFESSORA MARIA).

O Professor Carlos elucida a necessidade de conhecimento do contexto social do educando, em que:

A primeira coisa que a gente procura saber é conhecer o perfil da pessoa. Poder aquisitivo, raça, sexo, tá certo! “Pra” saber como motivar essa pessoa. O poder econômico é um deles, é, pior ainda. Seguido aí do preconceito, *bullying*, essas coisas. A pessoa sofre a situação, então a primeira motivação é procurar saber o problema da pessoa, ter um diagnóstico, pra saber proceder a uma forma de motivá-lo (PROFESSOR CARLOS).

O Professor Mário destaca o ambiente social agradável:

[...] tornar a aula mais agradável, mais alegre vamos dizer assim né. O fato “deu” brincar com eles, o fato “deu” desafiar, né! Eu acho que seja estratégia. De fazer, eles entenderem a importância deles mesmos, que eles podem, eles conseguem (PROFESSOR MÁRIO).



Considerando a resposta sobre a estratégia de motivação conhecer o perfil da turma. Santos (2011) corroborando com essa ideia, afirma ser necessário que o professor conheça seus alunos, pois para eles são direcionados o conjunto de ações e na medida do possível as apresentações em sala de aula devem ir ao encontro de gostos e preferências dos alunos. Lourenço e Paiva (2010) dizem que os profissionais da educação devem organizar e planificar os interesses de aprendizagem da turma, de modo interdisciplinar, elucidando a fusão dos conteúdos.

A ação de conhecer os alunos está relacionada à afetividade e autoestima, usadas como estratégias no processo de ensino e aprendizagem. A afetividade pode ser negativa e atrapalhar o ensino, configurando-se numa série de combinações, variações e características (GOLEMAN, 2012). Quando o docente Carlos diz que remete a afetividade positiva e a proximidade emocional com os educandos se percebe a importância de apreciar que emoções o aluno comunica em suas atitudes, discursos e comportamentos, para que possa selecionar e organizar suas estratégias de aprendizagem.

A partir desse referencial, Miras (2004, p. 219) diz ser:

Inegável a influência dos êxitos e dos fracassos acadêmicos no autoconceito e na autoestima do aluno tende a ser concebida muitas vezes de maneira excessivamente lógica e racional, esquecendo que as representações que se tem sobre si mesmo, em particular as crenças sobre suas capacidades, estão estreitamente ligadas às necessidades básicas de controle e à habilidade de sentir-se bem consigo mesmo. Desse modo, a necessidade de manter um autoconceito e uma autoestima aceitáveis leva a pessoa a procurar modelar o ambiente para que se adapte às próprias expectativas e necessidades, evitando, na medida do possível, os fatos e as situações que podem fazer com que se sintam mal consigo mesmo.

Considera-se a relação entre autoestima e autoconceito como pilares representacionais de si, não apenas como caminhos de modificação do ambiente que são estabelecidas as interações, mas de tessituras de expectativas e aspirações de futuro, projetando as possíveis trajetórias e objetivos a serem contemplados na vida. Essa ótica se manifesta quando o Professor Mário destaca que mostra aos alunos suas importâncias e capacidades para alcançar as metas de vida pessoal e de aprendizagem escolar.



## *Metas de aprendizagem*

Os professores, em seus relatos, fazem referência às metas ou objetivos de aprendizagem que estabelecem com seus alunos no cotidiano da sala de aula. Na seleção e organização de quais metas seriam aplicáveis a cada situação, faz-se necessário inferir os efeitos na aprendizagem dos alunos e posteriormente definir qual seria a melhor aplicação no contexto de sala de aula. Vejamos os relatos:

As metas de aprendizagem que eu utilizo é primeiro uma coisa que muito aluno não gosta de fazer: escrever. Escrever eu acho que é desmotivador, escrever muito. [...] Então uma das estratégias que eu uso é a apostila, tentar dinamizar através das apostilas, fazer com que eles construam o próprio conhecimento. Eu já vi uma coisa: que tenho que fazer que eles estudem, que eles estudem pra eles mesmos, né! Eles têm a sua autonomia, então a palavra é autonomia. A minha estratégia é trazer autonomia “pra” eles (PROFESSOR MÁRIO).

São várias metas que eu estabeleço, cada um tem um critério de avaliação e de aprendizagem. Na minha área principalmente é o domínio da leitura e da escrita que são o básico e o gargalo de todo o ensino básico (PROFESSORA MARIA).

Isso é praticamente um dever nosso né! Estabelecer isso. Mas sabendo que essa aprendizagem tem que ser, ao meu ver, de acordo com a necessidade do aluno, com o objetivo e o propósito que ele quer (PROFESSOR CARLOS).

Tapia e Monteiro (2004) apresentam uma sistematização de metas de aprendizagem: a) fazer o aluno entender que toda aprendizagem possibilita o incremento de suas capacidades e habilidades; b) perceber a aprendizagem como algo funcional e útil; c) utilizar incentivos externos para obtenção de conceitos satisfatórios. Esses direcionamentos transversalizam os recursos pedagógicos que são úteis à prática educativa, como demonstrou o Professor Mário em sua entrevista.

O participante Mário ao relatar sobre as metas de aprendizagem que estabelece com os alunos indica a possibilidade de criar sujeitos diferentes e fazer com que si próprio seja reflexivo sobre a sua prática – o aluno autônomo quanto à construção de seu conhecimento. O papel do professor seria apenas de mediador do conhecimento, simplesmente um ensino centrado no aluno.

Para Rogers (1985), no processo de ensino e aprendizagem com os alunos é necessário despertar a curiosidade, provocar o desejo de ir mais além e desafiar o aluno para uma autoconfiança, educando para a vida. O papel do professor seria de facilitador da aprendizagem, não mais aquele que transmite conhecimento e o discente seria motivado a buscar o seu próprio conhecimento.

Por outro lado, a Professora Maria em seu discurso sobre as metas de aprendizagem deixa a entender que utiliza como método de avaliação o domínio da linguagem oral e escrita, pois considera ambas as competências basilares para a educação básica. Contraposto a isso, o participante Mário em sua narrativa sobre metas de aprendizagem afirma que o aluno não gosta de escrever e que utilizava uma estratégia alternativa a isso, que são textos impressos para facilitar a aprendizagem do aluno.

Percebemos óticas e concepções distintas em relação à leitura e escrita como estratégia de ensino e motivação, mas que tem em comum a utilização de mecanismos que tornem o ato de aprender e ensinar mais relevante, adaptando-se a necessidade dos alunos e aos objetivos de conhecimentos que devem ser alcançados. Em uma perspectiva de David Ausubel, da aprendizagem significativa, seria a interação entre conhecimentos prévios e já existentes, formando um novo conceito mais relevante a estrutura cognitiva do sujeito (MOREIRA; MASINI, 1982; MOREIRA, 2010).

A aprendizagem significativa como interação entre conhecimentos requer o nivelamento e assimilação dos conhecimentos novos. Assim, o nivelamento pode contribuir para intervenção, integração e entendimento dos conteúdos ensinados, principalmente por meio da interdisciplinaridade como expôs o Professor Mário na pergunta sobre o significado da motivação.

Anteposto a estipulação de metas pelos professores, há investigação da situação de aprendizagem dos alunos e suas necessidades de acordo com o Professor Carlos. Nesse reconhecimento dos elementos que constituem as subjetividades do sujeito, orienta-se que o professor inicie o estudo do contexto do aluno e construa práticas que envolvam e instiguem a aprendizagem. Assim, entender suas origens, relações familiares e situação socioeconômica em tentativa de entender as particularidades e potencialidades, que podem auxiliar no desenvolvimento escolar.

Nas palavras de Fernandes (2006, p. 4):

Abrir-se-ia espaço no campo social para diferenciações individuais, o que poderia reduzir e/ou evitar o imenso abismo da diferenciação das condições objetivas de vida entre as pessoas. Em outras palavras, se no horizonte social tivesse espaço aberto para considerar identidade como construções plurais de individualidades, não se criariam tantos “muros” para separar os distintos dos “comuns”.

Salienta-se que o horizonte social presente na realidade dos estudantes pode atrapalhar o processo de aprendizagem quando o meio social não se apresenta como favorável ao desenvolvimento do conhecimento, ou seja, dificulta a criação de conveniente aquisição de conhecimentos. De outro modo, a ação motivacional de aprender os conhecimentos escolares nas aulas ministradas conta com metodologias que devem ser prazerosas e, quando possível, lúdicas (como jogos, dinâmicas, aulas de campo, projetos), para que contribuam consideravelmente no estímulo a procurar mais sobre os assuntos propostos.

Relacionando isso com a Teoria da Causalidade, Paiva (2008, p. 479) aponta que “as atribuições interpretadas pelos alunos nas dimensões da casualidade, influenciam as expectativas, as emoções, a motivação”, que são estabelecidas nos espaços de interação e formação social. Intrínseco as motivações, acentua-se a questão de demonstração ao educando sobre a importância dele no meio social, não apenas como cidadão, mas que é sujeito ativo e transformador da sociedade, que considera suas dimensões afetivas, políticas, emocionais, dentre outras.

Nesse pressuposto, antes da década de 1960, Carl Rogers via o sistema fragilizado e com muitos desafios a vista, necessitando de mudanças para não sucumbir, e assim, questionava as atribuições que a educação na construção de um mundo digno, propondo uma revolução com a finalidade de criar seres humanos com pensamentos diferentes, e por consequência a sociedade seria diferente (MOREIRA, 1999). Sobre os intentos de aprendizagem, eles são definidos de acordo com interesses, ficando a cargo de o professor criar metas, critérios, elementos e/ou ciclos com o intuito de avaliar continuamente todo o processo e assimilando os problemas que ocorrem nele.

Desse modo percebemos nas falas dos professores conceitos mais gerais sobre a motivação para aprendizagem, estratégias de ensino e metas de aprendizagem dos alunos, assim como a flexibilidade de sua prática docente e percepção dos produtos

derivados dela. Considera-se também que moldam a sua personalidade e formas de ensinar por meio da compreensão das motivações e desmotivações dos discentes.

Pedroza (2010) afirma que o professor é um agente do processo de construção do conhecimento, auxilia na formação da personalidade dos alunos. Neste sentido, para o autor seria preciso construir espaços que possibilitem ouvir e por meio disto, diminuir o nivelamento do inconsciente dos indivíduos envolvidos na relação professor-aluno.

E, por último, o estabelecimento de metas de aprendizagem com a turma em que leciona. Essa delimitação de metas pode ser entendida como um objetivo que tem por propósito a aprendizagem do aluno, de forma significativa, levando em consideração: o incentivo da leitura e demais conhecimentos básicos a vida escolar; as metas de aprendizagem como um dever, em que são desenvolvidos a partir de necessidades, objetivos e propósitos de vida dos alunos; o desenvolvimento da escrita e oralidade no aluno para que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados, e quando sentem dificuldades na assimilação de conhecimentos, se utiliza outros recursos didáticos. E ainda, o trabalho com a autonomia do aluno em aprender, no sentido de criarem estímulos relacionados ao desejo da pesquisa.

### Considerações finais

Em suma, a motivação da aprendizagem escolar contribui consideravelmente para a aprendizagem escolar, pela qual se utiliza de estratégias de ensino e planejamento quanto à abordagem de conteúdos presentes no currículo da educação básica, que tem por meta alcançar resultados positivos. Nessa perspectiva, se devem considerar três variáveis: os espaços formativos do educando; as forças internas e externas do indivíduo; as aspirações, incentivos, limites e possibilidades de futuro profissional e pessoal.

Esses elementos remetem as necessidades, desejos e projeções de vida, que são manifestados em seus discursos. No tocante da motivação em consonância com o processo de ensino e aprendizagem, sugere-se: desafiar o aluno a aprender, desenvolver uma atitude de investigação no aluno e um desejo duradouro de saber, ensinar através de uma linguagem acessível, oferecer exercícios e tarefas com um grau de complexidade, que não seja nem muito fácil e nem muito difícil, assim também fazer o

aluno compreender a utilidade do que está aprendendo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Entende-se que os princípios norteadores e conceituais de motivação são aplicados em sala de aula, em busca da satisfação do professor quanto ao exercício da sua docência e aprendizagem do aluno enquanto aprendiz, por meio da seleção e construção de estratégias motivacionais.

Dessa forma percebemos o quanto é necessário ter boas estratégias motivacionais para ensinar, principalmente os alunos que trazem dos ambientes que pertencem emoções, afetividades, impressões e valores sociais. Os resultados expressos neste trabalho apresentam a importância de compreender a motivação não como uma ação unicamente de incentivo ao aluno, mas de crescimento mútuo entre professor e aluno.

Em nosso entendimento, o processo de planejamento de metas e estratégias de aprendizagem e motivação, as formas elencadas para o alcance dos objetivos de aprendizagem e avaliação dos pontos positivos e que devem ser melhorados deve ser imerso em relações afetivas e sociais, afinal, é importantíssimo que o professor esteja apto a propiciar práticas de ensino qualificadas e o aluno receptivo e ativo na construção do conhecimento.

Um dos percursos a serem seguidos é fazer com que o aluno se perceba e reflita sobre o lugar ativo que tem no contexto de aprendizagem, sendo imprescindível para o sucesso pessoal e educacional. Outro ponto é a relação entre escola, família e sociedade, como contribuintes do autoconceito e autoestima do aluno, para que o objetivo seja proporcionar contextos efetivos de criação de motivação e educação de qualidade.

## Referências

ALLAL, Linda. Vers um élargissement de la pédagogie de maîtrise de régulation interactive, rétroactive et proactive. In. ESTRELA, Albano; NÓVOA, António. *Avaliações em educação: novas perspectivas*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BORUCHOVITCH, Evely. A motivação do aluno. In. LOURENÇO, Abílio Afonso; PAIVA, Maria Olímpia Almeida de. *A motivação escolar e o processo de aprendizagem. Ciências & Cognição*. Rio de

Janeiro, vol. 15, 2, p. 132-141, 15 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/313>

UFPA, FACULDADE DE EDUCAÇÃO. Ementa do componente curricular Psicologia da Aprendizagem (60 horas). Disponível em: <https://faced.ufpa.br/index.php/ementas/154-psicologia-da-aprendizagem> Acesso em 25, set. 2018.

FERNANDES, Idília. O lugar da identidade e das diferenças nas relações sociais. *Revista Virtual Textos & Contextos*, n. 6, dez., p. 1-11, 2006. Disponível em: [www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/download/1032/811](http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/download/1032/811)

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KNÜPPE, Luciane. Motivação e desmotivação: desafios para as professoras do Ensino Fundamental. *Educar*, Curitiba, n. 27, p. 277-290, Editora UFPR, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-0602006000100017&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-0602006000100017&script=sci_abstract&tlng=pt)

LOURENÇO, Abílio Afonso; PAIVA, Maria Olímpia Almeida de. A motivação escolar e o processo de aprendizagem. *Ciências & Cognição*. Rio de Janeiro, vol. 15, 2, p. 132-141, 15 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/313>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-29.

MIRAS, Mariana. Afetos, emoções, atribuições e expectativas: o sentido da aprendizagem escolar. In: COLL, César (Org.); MARCHESI, Álvaro (Org.); PALACIOS, Jesús (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Tradução: Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOREIRA, Marco Antonio. *Teorias de Aprendizagem: enfoques teóricos*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

MOREIRA, Marco Antonio; MASINI, Elcie F. Salzano. *Aprendizagem significativa: A teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982.

PAIVA, Mirella Lopez Martini Fernandes. Promovendo a motivação do aluno: contribuições da teoria da atribuição da casualidade. *Psicologia Escolar e Educacional*. Campinas – SP, vol. 12, n. 2, p. 479-480, Dezembro, 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572008000200022](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572008000200022)

PERRENOUD, Philippe. *Os ciclos de aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar*. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. *Psicologia da Educação*. São Paulo –SP, vol. 30, p. 81-96, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752010000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752010000100007)

ROGERS, Carl. *Liberdade de aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

SANTOS, Joana Alves Real dos. *As atividades de motivação*. 2011. 88. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Porto. Porto, 2011.

TÁPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla; Tradução: Sandra Garcia. *A motivação em sala de aula: o que é, como se faz*. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.